

DESIGN DE INTERIORES DA CASA DA FAVELA: organização simbólica e funcional de cômodos escolhidos de quatro moradias no bairro Jardim Piratininga (Penha, São Paulo)

Larissa de Carvalho Pereira (IC) e Mauro Claro (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Este estudo busca analisar como o design de interiores é concebido em diferentes tipos de residências localizadas num mesmo local – o Jardim Piratininga, na Zona Leste de São Paulo – caracterizado por precariedade urbanística e vulnerabilidade social. O objetivo é preencher uma lacuna uma vez que os estudos sobre o assunto são antigos e não refletem a situação atual das condições de vida na favela. O design de interiores é comumente compreendido como a organização funcional e simbólica dos ambientes, a partir de determinada dinâmica familiar e econômica. A impossibilidade de contemplar, na favela, os arranjos convencionais do modo de vida hegemônico aliado à força das demandas características da sociedade de consumo nessas escolhas são questões centrais. Busca-se entender como o design de interiores reflete essa dinâmica, nos casos estudados. Entrevistas foram conduzidas com moradores, abordando suas escolhas referentes à configuração espacial de suas residências, a aquisição e o significado dos objetos, além de suas perspectivas de melhora para o futuro. Um repertório de imagens foi construído para evidenciar as questões abordadas. O estudo mostra como o design de interiores nas residências da favela reflete as necessidades, valores e aspirações dos moradores no contexto das demandas mencionadas. Também mostra como o percurso de vida de cada morador revela singularidades nos arranjos estudados.

Palavras-chave: Design de interiores. Favela. Consumo.

ABSTRACT

This study seeks to analyze how interior design is conceived in different types of residences located in the same place – Jardim Piratininga, in the East Zone of São Paulo – characterized by urban precariousness and social vulnerability. The objective is to fill a gap since the studies on the subject are old and do not reflect the current situation of living conditions in the favela. Interior design is commonly understood as the functional and symbolic organization of environments, based on certain family and economic dynamics. The impossibility of contemplating, in the favela, the conventional arrangements of the hegemonic way of life, combined with the strength of the demands characteristic of the consumer society in these choices are central issues. We seek to understand how interior design reflects this dynamic in the cases studied. Interviews were conducted with residents, addressing their choices regarding the spatial configuration of their homes, the acquisition and meaning of objects, in addition to their prospects for improvement for the future. A repertoire of images was built to highlight the issues addressed. The study shows how the interior design of favela residences reflects the needs, values and aspirations of residents in the context of the aforementioned demands. It also shows how the life path of each resident reveals singularities in the arrangements studied.

Keywords: Interior design. Slum. Consumption.

1. INTRODUÇÃO

Sendo o design de interiores uma peça fundamental para a organização das dinâmicas domiciliares e a distribuição de espaços privados e comunitários de uma família pretende-se, neste estudo, analisar a forma como ele é concebido em diferentes tipologias de residências situadas em um mesmo local, o Jardim Piratininga, uma favela localizada no bairro da Penha, zona leste da cidade de São Paulo.

Entende-se que uma análise cuidadosa dessas informações poderá contribuir para o conhecimento sobre o tema, uma vez que os textos mais recentes são de 1999 (MARICATO et al.), resultados de estudos dos anos 1970-1980. Nossa percepção, ponto de partida para este estudo, indica a deslegitimação da moradia favelada como destino de preocupações relativas ao design de interiores e ao modo como ele é de fato produzido na casa da favela, ao não se assemelhar ao tipo de design consumido pelas classes médias. Além de permitir um vislumbre acerca do modo como a ideologia do consumo exerce influência nas escolhas de quem está a sua margem, apenas como espectador, já que o que poderíamos chamar de consumo espetacular (DÉBORD, 1997) não condiz com a realidade da população de renda mensal domiciliar até R\$ 2.900 (INFOMONEY, 2022) que representa pelo menos 50% da nossa sociedade.

O design de interiores é a organização funcional e simbólica de um ambiente. Modela o espaço através da compreensão das necessidades de quem o utiliza, partindo da percepção de que indivíduos são extremamente dinâmicos e, conseqüentemente, suas necessidades também são. Acompanha as nuances deste dinamismo inerente ao ser humano, afinal, as famílias crescem, diminuem, criam novos hábitos, evoluem, se modificam. É feito de modo muito particular por cada indivíduo, implicando não somente as dinâmicas familiares, mas também de ordem econômica.

O processo de favelização no Brasil se iniciou na passagem do século XIX para o XX (CARDOSO, 2007), após o fim da escravatura e, ao longo do XX, com o processo de metropolização e a modernização do campo. O crescimento das cidades aliado à falta de infraestrutura gerou um tecido urbano expandido para as bordas das metrópoles, afastadas do centro, onde essa população migrante constrói moradias em encostas de morros e outras áreas de risco, pois são aquelas aos quais tem acesso já que por sua precariedade não integram o mercado imobiliário.

O Jardim Piratininga hoje vê-se parcialmente retratado nessa descrição pois, apesar de apresentar muitas precariedades, conta com algum grau de regularidade, mesmo que bastante insuficiente. Trata-se de um bairro relativamente organizado, com grande parte das casas construídas em alvenaria, rede de água e esgoto em implantação na única área que

ainda não era servida, coleta seletiva de lixo, sistema viário em condição precária, algum equipamento de educação e saúde (insuficiente para o atendimento da totalidade da população). Conta com poucos equipamentos de lazer, os espaços livres são insuficientes, não possui regularização fundiária e tem grandes problemas de drenagem.

A melhoria de alguns aspectos ao longo do tempo, desde a implantação do núcleo urbano no início da década de 1990, no entanto, não afasta o estigma vivido por seus habitantes pois a ideia de desordem, pobreza e sujeira, mesmo que não completamente verdadeira, ainda permanece viva no imaginário popular – Carolina Maria de Jesus, em seu livro ‘Quarto de despejo’, de 1960, já tematizara o assunto. A luta da população marginalizada contra os preconceitos e a falta de investimento público é diária, como se pode perceber, e a deslegitimação dos favelados e da produção favelada ainda é uma realidade brasileira.

O arranjo interior da casa da favela tornou-se um reflexo dos desejos, relativizados pelas possibilidades materiais e ressignificados pela elaboração simbólica. Ao tentar reproduzir um modo de vida que exclusivo de classes médias e altas acaba criando uma identidade própria que, sendo elaboração consciente e autônoma, resulta na apropriação de signos que não lhes pertenciam, fazendo-os seus.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No período republicano brasileiro, que desarticula o aparato agrário-exportador de base escravista deixando, no entanto, questões não resolvidas que ainda se perpetuam, entre elas a reforma agrária nunca realizada (HOLSTON, 2013), a oferta de habitação à população de baixa renda deu-se predominantemente na forma de favelas, de maneira precária e através da autoconstrução. Historicamente, o crescimento constante desse tipo de solução urbana pode ser atribuído a crises econômicas, aos aumentos nos valores dos aluguéis e à escassez de opções habitacionais dignas acessíveis (PASTERNAK, 2016).

A partir desse cenário de precariedade e da localização majoritariamente periférica das favelas, à margem dos centros urbanos, Valladares (2005) nos revela a existência uma visão dicotômica da vida favelada, que seria o oposto da vida na cidade, instalada no imaginário popular a partir dos anos 1960 com o crescimento da forma favela nas metrópoles sudestinas. Produz-se um diagnóstico que indica a existência de núcleos sem regularidade urbanística situados em locais de risco – diagnóstico esse que “formula” o problema exclusivamente da perspectiva da norma. No caso da cidade de São Paulo, de meados dos anos 1950 em diante, o padrão demográfico de ocupações periféricas foi constituído principalmente por migrantes em busca das oportunidades aumentadas de emprego na crescente indústria paulista, buscando uma melhor qualidade de vida e possível ascensão social. Sendo assim, a população favelada se caracterizava majoritariamente por operários,

que a partir dos anos 1970 criam organizações comunitárias reivindicando uma política mais inclusiva, cobrando do poder público ações de valorização e infraestrutura do território, como mostra Feltran (2011), além de reivindicações relativas à carestia.

Pode-se compreender, nesse contexto e a partir da leitura territorial aprofundada do Censo de 2010 realizada por Pasternak (2016), como os processos históricos, as dinâmicas sociais, as estruturas urbanas e as relações de poder moldaram a formação e a evolução das favelas no Brasil, em particular em São Paulo. Esses dados permitem perceber a mudança ocorrida entre as décadas 1970 e 2000 na configuração urbana e social das favelas paulistanas. Diversos programas de melhorias urbanas (obras de saneamento, reurbanização, regularização fundiária, etc) mudaram parcialmente a qualidade do viver em favela, sobretudo após a vigência do Estatuto da Cidade (lei federal que detalha os elementos de direito à cidade e à moradia, previstos na Constituição de 1988).

Com um território urbano menos precarizado, resultado de reivindicações e políticas levemente inclusivas, moradores das favelas começam a ter acesso à esfera do consumo global, que se reflete no crescimento do consumo das classes D e E nos últimos 20 anos. A aquisição de celulares mais modernos e do acesso à internet em lan-houses, no trabalho ou em casa viraram realidade. Compras e prestações facilitaram o acesso não somente às lojas populares mas também a grandes shoppings centers, e objetos que eram apenas 'sonho de consumo', passam a se tornar realidade (FELTRAN, 2011).

Esse processo esteve presente anteriormente. Maricato, em seu estudo de 1999, nota a presença de aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos em lugar de destaque nas moradias dos anos 1980-90, adornados com toalhas de crochê, imagens religiosas e até flores artificiais. A televisão se constitui como uma das maiores fontes de informação e lazer: sem TV não há sociabilidade, não há conversas nos pontos de ônibus sobre o capítulo da novela da noite passada ou o jogo de futebol da quarta-feira. É cultural, ela se tornou uma necessidade, um consumo funcional e um canal para influências de consumo muitas vezes ideológico e até irracional, através da mídia e da publicidade. A presença de objetos da cultura de massa nas moradias de baixa renda representa um simulacro do modo de vida hegemônico (MARICATO, 1999) e desempenha um papel social: como signos da modernidade seu valor vai muito além de seu preço no mercado, representando pertencimento à sociedade, afastando-o do estigma de pessoa vulnerável e tornando-o, aparentemente, um consumidor.

É o significado implícito ao objeto que nos induz ao consumo – afinal, o significado depende mais do sistema de signos do que do seu caráter funcional nas práticas sociais (SLATER, 2002). Ou seja, as decisões de consumo são frequentemente guiadas pelo simbolismo e pelas conotações culturais associadas aos produtos, mais do que por sua

utilidade objetiva. Por exemplo, a posse de um certo tipo de automóvel vai além da função locomoção e representa status, sucesso ou estilo de vida.

A aquisição desses bens e a determinação de seu valor simbólico são impostos a todo momento pelo mercado, tornando a oportunidade de escolha dos indivíduos algo meramente residual e ilusório. A necessidade de crescimento permanente do mercado, característica do modo de produção capitalista tardio que presenciamos (HARVEY, 2014), cria incessantes pseudo desejos. A forma ‘gambiarra’ adquire, então, importância como resposta à mudança veloz e incessante, característica dessa sociedade de consumo que continuamente produz novas simbologias, vendidas como novas necessidades. A gambiarra torna-se um atalho, uma forma de adaptação aos novos objetos de desejo. Deriva desse desejo de consumo baseado em prioridades invertidas e visões externas, não produzidas por aqueles que os formulam, a partir de realidades diferentes e necessidades culturais igualmente distintas:

Mas numa condição diferente das acima citadas, na qual os artefatos são criados a partir do uso e da transformação de recursos naturais – **matéria-prima bruta**, nestas práticas alternativas os artefatos são constituídos a partir da transformação ou re-configuração de outros **artefatos industriais pré-existent**s, em geral, não constituídos com o objetivo industrial de serem comercializados, mas apenas para serem utilizados. (BOUFLEUR, 2006, p. 22)

Nesse contexto, o que aparece como desejo é simplesmente uma expressão da cultura de massa, no interior da qual as mercadorias ficam livres para adquirir uma variedade de associações e ilusões culturais. A manipulação da cultura de massa pelo morador da favela, no interior de sua moradia, estabelece um espaço de autonomia que se pretende, aqui, identificar. Nesse cenário, outros sentidos passam a ser conferidos aos objetos, principalmente em bens de consumo ordinários, como geladeiras e perfumes, com a influência da mídia e da publicidade (FEATHERSTONE, 2007).

O status conferido aos bens aumenta seu valor de troca e consequentemente sua exclusividade para as classes de maior renda. Este é o aspecto mais evidente da presença do fetichismo da mercadoria (MARX, 1998), que consiste na ilusão de que as coisas possuem autonomia, aparecendo como independentes de relações sociais entre indivíduos (ignora-se a exploração, diz o autor, de força de trabalho). A mercadoria é dotada de um valor simbólico definitivo, tornando-se objeto de adoração, quase divino. Ademais, e isto significa uma evolução contemporânea de peso, na atualidade tais mercadorias tornam-se voláteis e altamente substituíveis, um sinal de status para seus detentores, constituindo mais um entrave para a emancipação (autonomia, autoconsciência) do indivíduo.

O desejo implícito no consumo pode ser explicado pelo conceito de reprodução cultural. De acordo com Slater (2002) “todo consumo é cultural”, isto é, ele nunca foi desprovido de significado e muito menos inato ao homem. Somos o constructo da cultura em

que estamos inseridos e, assim, usamos o consumo como forma de obter pertencimento social. A necessidade básica humana na vida em sociedade é se sentir parte de algo, o pertencimento é como uma validação da sua existência mundana (ARENDT, 1997).

Todas as nossas ações tornam-se meios de propagação dessa estética de acumulação e assim acabam integrando modos de vida dominantes. A indústria cultural reproduz nossa conduta em grande escala (ADORNO, 2002), de modo a começar a ditar nossas necessidades e, assim, produzir desejo de consumo (FEATHERSTONE, 2007).

Baudrillard, em vários de seus livros (1995, 2000), conclui que todo o consumo se funda sobre a expulsão do desejo de dentro do indivíduo, projetando-o nos objetos que, uma vez obtidos, preenchem o vazio original, interno, psíquico. A sociedade de consumo oferece os objetos que serão portadores dessa qualidade essencial na forma de inovações que aparecem como obras legítimas, capazes portanto, nessa condição especial, de preencher aquele vazio original. Sua condição de obra (entendida como realização pessoal do indivíduo) no entanto não se mantém porque de fato eles não são 'obra' (ARENDT, 1997) mas produtos externos que apenas tomaram essa aparência.

Assim também, com o processo de produção cada vez mais flexível, as mudanças acontecem de forma mais frequente, gerando uma infinidade de falsas inovações. A necessidade então de repor esses objetos, que não cumprem a promessa de uma satisfação para além de passageira, reduz-los a sua condição real de satisfação básica, quase animal, comparada ao respirar e ao comer. Daí que se tornam de fato o que são: apenas consumo. Segundo Arendt vivemos, nessa condição, numa sociedade de consumidores, oposta ao que seria uma sociedade de produtores: não produzimos obras, mas reproduzimos projetos externos a nós mesmos, que nos condicionam. O signo do objeto transfere sua dinâmica de existência para a posse (seu significado para a sociedade passa automaticamente para outro, tornando um ciclo sem fim de consumo), para o ato de possuir sistemática e indefinidamente. É a futilidade mundana do processo vital, que não mais se restringe a apenas necessidades.

Na casa na favela essa questão se torna o cerne deste estudo. Nossa hipótese se funda na necessidade cultural de participação simbólica no cenário social e tal se daria desde a configuração da vida também em seus espaços e tempos mais pessoais, como é o interior da moradia, além do espaço coletivo da cidade.

3. METODOLOGIA

3.1. ENTREVISTAS COM MORADORES

Exploramos diferentes tipologias, arranjos familiares e vivências, para tentar entender de que forma essas questões se refletem nas escolhas de cada família e respectiva organização espacial de cada residência. Para isso, entrevistamos três moradores de três

diferentes setores do Jardim Piratininga. Quatro participantes faziam parte da proposta inicial do estudo, porém uma moradora, após o aceite do convite inicial, desistiu de sua participação por motivos pessoais. Importante notar que neste estudo substituímos por nomes fictícios os nomes das pessoas entrevistadas.

Ponto 1: Pira 4; Ponto 2: miolo do bairro; Ponto 3: Jardim São Francisco



Fonte: Google Earth e Grupo de Pesquisa Questões Urbanas, modificado pela autora, 2023.

3.1.1. SETOR 1

O setor conhecido, como Pira 4, é a parte mais precarizada do bairro, habitado pela população mais vulnerável. Neste lugar predominam estreitas vielas. A entrada das casas se dá somente por pequenas portas, que se abrem diretamente para o espaço público, não há casas com quintal por ali. Não se tem muita privacidade. A questão da segurança é um problema, o tráfico de drogas assola a região e a truculência policial é constante na vida dos moradores, independentemente de envolvimento com o tráfico. Um canal artificial de regulação hidrológica das cheias do Rio Tietê, conhecido por “canal de circunvalação”, é uma limitação topográfica do local e separa o bairro do Parque Ecológico do Tietê, a norte. Há moradias construídas nos taludes desse canal, numa situação insustentável sob vários pontos de vista.

3.1.2. SETOR 2

O miolo do bairro é o setor mais antigo, com ocupação marcada pela estrutura fundiária original, pois os diferentes proprietários parcelaram e colocaram suas glebas à venda em períodos distintos, sem ordenação urbanística, obedecendo apenas ao plano de sua transformação em ativo financeiro. Existem muitas edificações com mais de um pavimento. Muitas são coloridas e exibem diversos tipos de revestimentos. Atualmente a área se encontra bastante homogeneizada. Porém as diferenças de tipos edificadas e padrões de arruamento ainda assim são possíveis de serem vistas. Há edificações crescendo em altura e alguns poucos lotes sem função ou sub-utilizados. É uma parte majoritariamente residencial, há pouco comércio, sempre concentrado no início das ruas, no encontro com a rua principal, Olga Artacho.

3.1.3. SETOR 3

O Jardim São Francisco é o setor mais consolidado do bairro. A maioria de seus lotes possui regularização fundiária, o que possibilita melhor infraestrutura urbana (rede de água e

esgoto, transporte público e os únicos equipamentos educacionais e de saúde de todo o Jardim Piratininga). Suas ruas e calçadas são mais largas, há alguma arborização, campo de futebol, de uma pequena praça.

3.2. PESQUISA DE CAMPO

Primeiramente, antes de iniciar as entrevistas, foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nele foram descritos os objetivos da pesquisa, os dados a serem coletados através das entrevistas, os riscos que as mesmas ofereciam e os cuidados que seriam tomados para se preservar a identidade de cada participante. Além da informação de que não haveria nenhum custo implicado aos entrevistados e também a reiteração de que o participante poderia se retirar a qualquer momento do estudo sem qualquer tipo de penalidade. Tivemos o cuidado de ler e explicar detalhadamente todas as partes do termo, para que toda dúvida pudesse ser esclarecida. O TCLE foi explicado, entregue e deixado por uma semana com o convidado, combinando-se de retornar após esse tempo para obter sua anuência ou sua recusa. Após aprovação e assinatura começamos as entrevistas. A partir delas foram coletadas informações e elaborados os seguintes itens:

- Fichas catalográficas contendo informações básicas e comuns a todos os entrevistados, como a quantidade de moradores de cada residências, suas idades e ocupações, a metragem das residências, quantidade de cômodos, etc
- Plantas de cada residência e do ambiente escolhido para análise
- Fotos dos moradores, ambientes, apetrechos, parte externa da residência e seu entorno
- Vídeos das entrevistas com os moradores, do ambiente interno e externo e seu entorno

3.3. ANÁLISE DOS DADOS

Com base nos resultados da pesquisa de campo, analisamos aspectos das residências, tais como localização dos apetrechos e equipamentos nos cômodos e respectivos significados, momentos de vida, graus de importância simbólica das ações, impactos no orçamento familiar. Investigamos a rotina de cada família em relação ao funcionamento das residências, suas histórias de vida e perspectivas para o futuro.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. CASA 1

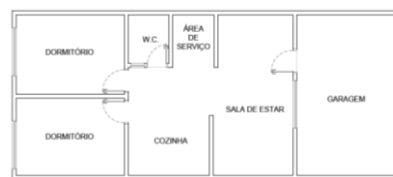
Jessé é ativista local. Essa figura importante e tão solícita é o nosso primeiro entrevistado. Ele e sua esposa Maria moram na porção central do Piratininga. A fachada da casa é pintada em um tom verde com um portão cinza claro. A edificação é composta pelo

térreo, em que Jessé e a esposa moram, e mais dois pavimentos superiores que são direcionados à locação (Foto 1), como forma de renda adicional para o casal.

Todavia, a história da casa se inicia muito antes de seu encontro como um casal: no começo da década de 1990 Maria veio de Pernambuco para São Paulo com as duas filhas, a princípio com o intuito apenas de passar as férias com a irmã que morava na cidade. Após um convite para ajudá-la a construir uma casa em um terreno que havia comprado no Jardim Piratininga, Maria instalou-se de vez na cidade: era a oportunidade da casa própria e de um recomeço de vida, em um local com maiores oportunidades de trabalho e ascensão social, mesmo que num bairro distante do centro principal da cidade.

A casa construída é a mesma onde moram o casal e as filhas hoje, apenas com mudanças na configuração dos cômodos. Foi construída uma sala ampla, cozinha, lavanderia, banheiro e dois quartos. As duas famílias moraram quatro anos juntas, quando a irmã construiu mais cômodos no pavimento superior e se mudou para lá; Maria continuou no térreo com as filhas.

Casa de Jessé e Maria



Fonte: elaboração da autora, 2023.

Depois que se casaram em 2009, o casal decidiu separar a casa para ter maior privacidade. Assim a ampla sala acabou se tornando menor, com espaço apenas para um sofá e mesa de jantar. A cozinha permaneceu no seu local de origem e o quarto, além de ter seu tamanho reduzido, acabou tendo que ceder espaço para um novo banheiro, já que o original acabou ficando do outro lado da separação. Esta configuração se mantém e nesta casa moram apenas Maria e Jessé. Ao lado, na parte separada, ficou uma das filhas e a família. Há três anos a outra filha construiu mais cômodos na parte posterior que ainda sobrava do terreno, formando três casas no pavimento térreo.

Casa de Jessé e Maria, configuração atual



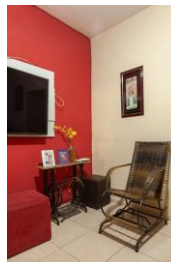
Fonte: elaboração da autora, 2023.

Ao entrar na edificação temos a garagem que atualmente está ocupada por um automóvel de parentes do casal. Uma mesa de madeira e cadeiras verdes de plástico, que

anteriormente eram de uma escola e foram doadas a Maria, ocupam o lado esquerdo do ambiente. As paredes desse ambiente seguem o mesmo verde da fachada. É neste momento que começamos a perceber aspectos recorrentes na composição visual da casa: o emprego de cores complementares que dão destaque a ambientes de permanência, como a garagem e a sala de estar, por exemplo.

O primeiro cômodo da casa é a sala. Os tons de vermelho de alguns móveis e da parede estão em evidência nesse ambiente, composto por um sofá com uma capa de proteção vermelha, encostado na parede de entrada onde se localiza também a janela que se abre para a garagem. Há um painel branco onde está fixada a televisão, um baú vermelho com assentos, mesa de jantar, uma cadeira de balanço e quadros com fotografias dos moradores e familiares (Foto 2). Percebe-se o cuidado com que o ambiente foi projetado pelos moradores: os poucos itens de decoração se juntam a cores penetrantes empregadas nas paredes e na mobília, que equilibram a composição da sala.

Sala



Fonte: elaboração da autora, 2023.

O próximo ambiente é a cozinha. Sua única abertura se dá por uma pequena janela basculante próxima do teto. A princípio ela teve somente as funções de iluminação e ventilação do ambiente e não de vista para fora, por conta da existência de vizinhos próximos. Porém tempos depois esse mesmo vizinho subiu um muro por sobre a janela, obstruindo não somente a ventilação mas também a principal fonte de iluminação do local. É um ambiente escuro, que não sobrevive sem a iluminação artificial, e mal ventilado. O revestimento é de azulejos brancos, alguns danificados com rachaduras por conta da movimentação do solo decorrente da falta de fundação, como nos contou Jessé. Uma pequena mesa com pés de metal e tampo de granito está ao centro do ambiente (Foto 3). Ali são feitas as refeições do dia a dia. Ao seu redor está a pia de aço inox com alguns armários acima e abaixo que guardam utensílios domésticos e alimentos, um fogão de quatro bocas, uma geladeira moderna cinza e um pequeno armário com prateleiras, com um rádio em cima. Outros eletrodomésticos se fazem presentes no ambiente, como uma air fryer e um espremedor de laranja. É interessante notar o cuidado com o ambiente, que em uma rápida olhada pode ser interpretado como possuidor de alguma desordem, com alguns objetos expostos e outros guardados. Todavia percebe-se que isso é falso. Tudo possui uma ordem e uma intenção de

embelezamento. O lírio da paz em cima da mesa cumpre seu papel de trazer beleza e delicadeza à cozinha, além de contrastar com as cores da air fryer e da garrafa de café, criando uma situação cromática e uma estética elaborada. São nestes pequenos gestos que conseguimos identificar o toque pessoal dos moradores, de modo a deixar seu lar mais agradável a seu próprio olhar como aos de convidados. É uma forma de talvez compensar a falta de outros artifícios para tratar esteticamente o ambiente, utilizando-se de uma inteligência sensível, como um arranjo ousado (BAUDRILLARD, 2000).

Lírio da paz



Fonte: elaboração da autora, 2023.

À frente há um pequeno corredor com um banheiro, dotado de ventilação forçada para esse mesmo corredor, que liga a cozinha ao quarto do casal. É um quarto pequeno, com um guarda roupa que ocupa uma parede quase inteira e dificulta a passagem, um painel com alguns penduricalhos, a segunda televisão da casa e uma cama de casal que encosta na parede com aberturas para a parte posterior da residência, uma pequena varanda (Fotos 4 e 5). É neste ambiente que se concentra o grande problema da residência: a passagem para o restante da casa que implica em falta de privacidade (Fotos 6 e 7). O arranjo do quarto não possibilita mais de uma pessoa passar ao mesmo tempo pelo ambiente. Como dito acima, ele é enxuto e as escolhas de mobiliário e configuração decorrem da necessidade de acomodar essas dificuldades. As paredes da varanda não têm revestimento, estando os tijolos cerâmicos à mostra. O chão se apresenta somente no contra-piso e a cobertura é feita com telhas de fibrocimento. Nesse ambiente estão guardados alguns utensílios sobrando como mesa, cadeiras e plantas. É um local para os dois animais domésticos dormirem (Foto 8). A lavanderia conta com uma máquina de lavar, um tanque e um pequeno armário superior. Sua cobertura é a continuação do telhado da varanda, porém sofre com infiltração quando chove, o que compromete o funcionamento da máquina (Foto 9). Duas churrasqueiras também compõem o espaço, além de um pequeno portão que dá acesso à rua posterior, à beira do canal de circunvalação. Nessa mesma rua está localizada a porta de entrada para a terceira residência do térreo (Foto 10). É importante dizer que essa rua é também uma extensão da residência, já que os moradores plantaram uma pequena horta e ocupam a rua quando há festividades (Foto 11). É interessante notar como os espaços de permanência coincidem com espaços de acesso público, como acontece com os bancos colocados à beira do canal. O direito à cidade se manifesta como desejo quando um pedaço da rua faz parte de sua casa,

onde se recebe visitas, se descansa e se realiza o lazer. Na verdade, como sabemos, ele não se esgota aí.

Como a última casa tem entrada apenas pela parte posterior do terreno, a filha que a ocupa acaba usando frequentemente a casa dos pais como passagem para ir da rua da frente a sua própria casa, ou de sua casa à casa da irmã, cujo acesso se dá pela garagem da casa dos pais, Jessé e Maria. Também as visitas que precisam utilizar o banheiro quando há alguma confraternização na residência. Nisso consiste a queixa principal de Maria. Tal falta de privacidade provoca grande insatisfação. Pensa-se na ampliação da varanda com a construção de um banheiro adicional que, por limitações de renda, ainda não pôde ser construído.

Apesar dos problemas é evidente o apreço e a identificação que ambos têm por seu lar. A personalidade de ambos transparece no local que habitam, como através das cores favoritas: o vermelho que se transformou na característica principal de Jessé, sendo usado por ele nas roupas e em acessórios, e o verde, cor preferida de Maria. Suas motivações são diversificadas, no caso de Jessé a cor vermelha indica sua relação com o movimento social. Algo que está tão presente na sua vida profissional se reflete no âmbito pessoal.

Fachada posterior e garagem.



Fonte: elaboração da autora, 2023.

Diversos acessórios na casa têm propositalmente as cores estimadas pelo casal, como a air fryer, um espremedor de laranjas e um balde de gelo que estão à vista na cozinha, além das cadeiras e das plantas verdes. Todo o restante da casa se organiza por esta mesma dinâmica de cores, às vezes mais sutil, como no caso da cozinha, às vezes mais chamativa, como na garagem e na sala de estar (Fotos 12 e 13).

Não há um padrão de aquisições dos bens da casa, o que acontece de formas diversas (compra, presentes). Móveis como a mesa de jantar e as cadeiras da sala foram doados por antigos empregadores de Maria. Neste caso não há opção de escolha, apenas a aceitação de uma oferta. A limitação financeira torna-se um entrave ao consumo.

O casal não se encaixa como consumidor de novidades advindas da indústria do espetáculo ou da indústria cultural, ao menos diretamente, na forma interior de sua moradia. Suas compras não objetivam suprir necessidades superficiais, ao contrário, buscam

resultados para a funcionalidade dos objetos, como o sofá da casa que pretende ser trocado por um novo que acomode com mais conforto.

4.2. CASA 2

Pequenas vielas tortuosas, que não possuem mais que um metro de largura, nos levam até um lugar quase à beira do canal de circunvalação, chamado Pira 4 (Foto 14). Entre um pequeno terreno (em que se acumula algum entulho) e tantas outras casas, coladas umas nas outras, encontra-se a casa de Zilda, nossa afetuosa anfitriã. Ela é baiana, muitíssimo gentil e atenciosa. Gosta de se arrumar e de passar maquiagem. Tem 52 anos, é aposentada e mora com o marido e um filho.

Planta da casa de Zilda.



Fonte: elaboração da autora, 2023.

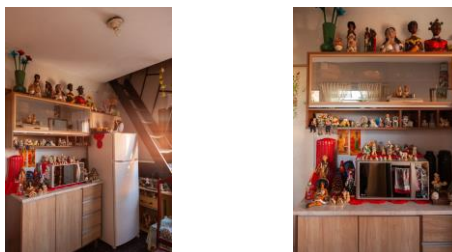
O acesso acontece por uma estreita escada de concreto que nos leva até uma pequena lavanderia (Foto 15). Uma enorme quantidade de plantas cobre parte da escada e desse primeiro espaço. Elas estão por toda a parede, até mesmo no lugar onde está um varal para a secagem das roupas. Um pequeno tanque verde e uma máquina de lavar compõem o ambiente, que não tem nenhum tipo de fechamento, apenas uma laje que o protege das intempéries (Fotos 16 e 17).

Mais à frente está a cozinha, nosso objeto de estudo. A porta de entrada é de madeira com acabamento de laca branca, nela estão colados adesivos variados, como de partidos políticos, e alguns penduricalhos (Foto 18). É um cômodo pequeno, com dimensão não maior que oito metros quadrados, com paredes brancas e piso cerâmico preto. Ao entrar nos deparamos com um armário e uma pequena bancada acoplada, é ali que as refeições do dia são feitas. Logo abaixo há um espaço onde se alojam seis pequenos bancos. Os bancos possuem um desenho simples, apenas com um assento e ripas de madeira compondo os pés. Acima desse armário há inúmeros objetos de decoração: flores artificiais rosas, imagens de santos, velas e outras folhagens (Foto 19).

Logo ao lado há uma porta que separa a cozinha do dormitório do casal. Outro armário, dessa vez maior em comprimento, encontra-se nesta parede, à direita da porta que dá para o quarto. Nele podem-se observar diferenças em relação ao móvel anterior, além de seu tamanho. Uma das portas é em vidro espelhado, possui gavetas e um microondas está sobre seu tampo. Outros badulaques (segundo a etimologia da palavra: coisa miúda e de pouco

valor) preenchem todos os espaços vazios, assim como no anterior, mas neste caso a quantidade é maior e o estilo diversificado. Bonecas namoradeiras ocupam a parte superior, outras flores artificiais e figuras de animais. Pequenos bonecos ocupam o restante do espaço (figuras humanas, pinguins, sapos, galinhas) e casas de porcelana. Também toalhas de crochê compõem a decoração, descansando sobre os eletrodomésticos aparentes. É curioso notar o cuidado com as posições desses objetos de decoração. Um olhar desatento pode atribuir, a exemplo da casa de Jessé e Maria, uma situação de caos devido à quantidade de objetos. Porém um olhar mais atento pode observar uma ordem (cada grupo tem seu lugar): os bustos de namoradeiras em cima do armário, os sapos e corujas lado a lado em um patamar intermediário, as galinhas d'Angola embaixo e ao lado do microondas. O conjunto mostra intencionalidade no arranjo da decoração, nada é por acaso.

Armário na cozinha da casa de Zilda



Fonte: elaboração da autora, 2023.

A geladeira branca ocupa um espaço abaixo de um dos compartimentos do armário, e acaba obstruindo a visão de um pequeno rack amarelo ao seu lado, sobre o qual há uma televisão LCD branca, um pouco antiga e pequena. Próximos estão tantos outros pequenos bonequinhos de porcelana e logo acima há uma escada de metal preta com guarda corpo e degraus delgados, que leva até o andar superior, onde há mais dois dormitórios (Foto 20). Em frente à geladeira estão o fogão e um depurador de ar. Ao lado deste conjunto há a cuba da pia, branca. Mesmo sendo pequena a pia comporta um escorredor de louças, recipientes para detergente e um pequeno lixo. Além disso, duas cadeiras de metal ocupam o espaço que sobra. A ventilação do ambiente acontece por duas janelas: uma sobre a escada, à esquerda de quem está trabalhando na pia, possui duas folhas de vidro e persianas e se abre para a viela lateral. Acima da pia está a segunda janela, basculante, que dá vista para o Parque Ecológico do Tietê. Sobre ela há uma cortina branca com desenhos e uma muda de Espada de São Jorge, a única planta verdadeira do cômodo (Fotos 21 e 22).

Janela da cozinha



Fonte: elaboração da autora, 2023.

O banheiro não foge à excentricidade da decoração. Azulejos brancos cobrem metade da altura das paredes. Uma pintura branca dá fundo a objetos de decoração pendurados (peixes, barcos e quadros), todos coloridos (Fotos 23, 24, 25 e 26).

A decoração tão singular da casa de Zilda define-se principalmente pela enorme quantidade de badulaques, dos mais variados tipos. Santos se misturam com pingüins de gravata borboleta, galinhas d'Angola com sanfoneiros, uma orquídea artificial rosa, cachorrinhos de plástico, elefantes com pinturas que remetem à Índia e bustos de mulheres enfeitadas. Trata-se de uma miscelânea de adornos que ocupam cada lugar intencionalmente, já que o grande apego de Zilda à decoração vem de um desejo afetivo de criança, quando não possuía bonecas ou outros brinquedos. Hoje, como uma forma de compensação, ela enche o interior de sua casa. Esta situação mostra como a posse de objetos afetivos comuns a certo grupo social (a infância de Zilda, ou a memória que possui dela) faz-nos sentir pertencentes. E, neste caso, como essa falta persegue os indivíduos, instados a realizar esse desejo mesmo que tardiamente, como se a posse do objeto preenchesse o vazio original (BAUDRILLARD, 2000).

As primeiras peças da coleção de Zilda foram cachorros e gatos de porcelana que a anfitriã ainda deixa expostos, foram presentes dos filhos. Os demais foram comprados ou presenteados por amigos. Ela conhece cada pecinha, muitas possuem significados especiais, como a bonequinha que ganhou de sua avó. São muito mais que apenas enfeites, são parte de sua casa e de sua vida. É assim que objetos ordinários mantêm determinada relação com o mundo. E, desse modo, devido a essa relação íntima com seus objetos, Zilda está sempre aumentando sua coleção, em busca de enfeitar sua casa, mas também a sua vida.

É no contexto da disposição dos cômodos e suas funções que podemos ver Zilda como indivíduo detentor de autonomia, visto que o arranjo espacial rompe com a tipologia tradicional ao fazer da cozinha sua sala de estar, sendo essa uma escolha. Ainda que existam limitações materiais que também determinam esse arranjo, não são vistas por Zilda como limitações definitivas.

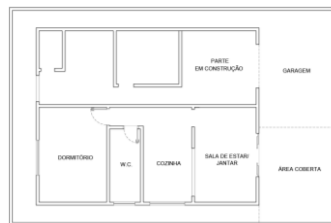
O entendimento da questão do pertencimento cultural através do consumo (SLATER, 2002), mostra o quanto essa necessidade básica é inerente à vida da Zilda de hoje que, com

o pouco dinheiro que sobra, tenta preenchê-la através da aquisição de badulaques. O modo como são espalhados de forma ordenada e intencional por toda a casa denota atualização simbólica das memórias de sua vida. A posse do objeto se dá em decorrência do signo ao qual corresponde (BAUDRILLARD, 2000).

4.3. CASA 3

A casa do casal Inácia e Tomás está localizada na parte mais consolidada do Jardim Piratininga: o Jardim São Francisco. Em frente à única praça do bairro se encontra a casa de muro amarelado e portão cinza, ambos já degradados pela ação das intempéries (Foto 27). Ao entrar pode-se observar uma grande casa com as paredes ainda sem acabamento. A construção ocupa boa parte do lote, deixando livres apenas recuos laterais, frontal e posterior para circulação (Fotos 28, 29, 30 e 31). A construção se divide ao meio: uma parte já consolidada na qual a família mora e uma expansão, ainda em construção.

Planta da casa de Inácia e Tomás



Fonte: elaboração da autora, 2023.

A entrada da residência acontece pela sala de estar, que é também de jantar. Uma grande porta de correr em madeira é a principal abertura; ventilação e iluminação acontecem por ela (Foto 32). O cômodo é amplo, com piso de cerâmica e paredes brancas, conta com um sofá de três lugares já antigo, uma estante que apoia a televisão, uma mesa que aloja o computador da casa, uma mesa de jantar e um grande espelho (Fotos 33 e 34).

Sala



Fonte: elaboração da autora, 2023.

A cozinha é integrada à sala através de um balcão na parede do qual a mesa de jantar está encostada. O espaço da cozinha é menor que o da sala, porém abriga confortavelmente todos os móveis. Na parede ao lado do balcão há uma grande janela que gera iluminação e ventilação bastante eficientes para todo o ambiente. Abaixo está a pia e um fogão (Foto 35).

Uma geladeira, um tanquinho semiautomático e armários para mantimentos e utensílios domésticos também estão presentes. Uma parede roxa contrasta com as demais brancas.

Cozinha



Fonte: elaboração da autora, 2023.

A cor da parede e a presença do espelho podem ser compreendidos como embelezamento através de mudanças sutis e que não demandam muito dinheiro mas que conferem identidade à casa. Essa identificação é o cerne de todo processo de habitar. É preciso se sentir pertencente ao ambiente, este meu canto no mundo (BACHELARD, 1988). Ademais, a residência conta com um amplo banheiro e um quarto compartilhado por todos os membros da família (pais e três filhos). A questão da privacidade e da logística do dia a dia é uma das principais queixas dos moradores: um quarto de 16 m² não consegue acomodar com o conforto necessário dois adultos, dois adolescentes e uma criança, impactando diretamente a privacidade de toda a família. Como forma de driblar esse problema o filho mais velho acaba dormindo no chão da sala com somente um colchão e a filha mais nova no sofá.

A casa foi construída pelos pais de Tomás em meados da década de 1980, mas não foi terminada. Depois de alguns inquilinos, a casa passou a se destinar a Tomás e sua irmã. O casal Inácia e Tomás mudou-se para o local há cerca de doze anos, assim que se casou. Porém ela apresentava diversos problemas: não havia reboco e nenhum tipo de revestimento nas paredes e no piso. A laje da sala estava comprometida e a inexistência de um telhado propiciava uma grave infiltração. Fizeram ajustes parciais, como um remendo dos problemas, pela falta de dinheiro suficiente. Além do fato de não terem que pagar aluguel, a identificação com o bairro mais uma vez foi decisiva na escolha do local da habitação. As dinâmicas de sociabilidade e de pertencimento explicam a escolha (VALLADARES, 2005).

Hoje em dia a casa ainda apresenta diversos problemas decorrentes da reforma incompleta, como o desnível do piso (pela falta de contrapiso) e a infiltração, que afeta pisos e paredes. Em uma tentativa de esconder suas marcas a parede da cozinha foi pintada com tinta a óleo amarela e posteriormente com uma cor roxa (como dito anteriormente) para esconder o amarelo vibrante. A gambiarra, entendida popularmente como algo ordinário, feito de forma precária, (BOUFLEUR, 2006) da pintura feita pelos próprios moradores, desperta a atenção através da cor vibrante empregada ao local.

Como a irmã de Tomás nunca ocupou a casa, há quatro anos o casal decidiu incorporar o outro lado à casa atual, para ampliar a sala e fazer novos quartos para os filhos.

Também pretendem começar a colocar piso nos corredores externos, na garagem e na lavanderia. Observa-se que não há muitos elementos de decoração ou cores (com exceção do roxo), como nas residências anteriores. São padrões diferentes de casas e pessoas, mas pode-se especular com a influência da idade. Trata-se, neste caso, de um casal jovem com filhos e isso eventualmente pode fazer parte da explicação por um ambiente mais sóbrio, mais contido, seja no mobiliário ou nos revestimentos.

A casa se mostra mais genérica, como as casas populares de classe média, onde tem-se certo poder aquisitivo, mas não o suficiente para fugir das aquisições de objetos determinados pela moda dominante. O acesso aos meios de comunicação e aos padrões estéticos vigentes, combinado com alto grau de crítica a esses mesmos padrões, no caso deste casal, pode ser a causa dessa sobriedade, como uma recusa consciente à participação num jogo de imagens que não lhes diria respeito. O ponto fora da curva sóbria é justamente a parede roxa da cozinha que foi uma escolha direta de Inácia, que se relaciona com a cor a partir de seu gosto pessoal, além de ser uma forma econômica e simples de contornar o problema da infiltração.

O casal possui grande contato com a comunidade em que vive, leva à frente projetos culturais e participa da associação de moradores. Por conta desse grande envolvimento recebem visitas de amigos que ocorrem na sala, na garagem e até mesmo na rua, como uma extensão da casa. No dia a dia relatam conseguir desfrutar do lazer que a casa propicia nos encontros no jantar, ao assistir à televisão ou receber visitas. A casa, apesar dos inúmeros problemas construtivos, é vista como seu refúgio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo discutir a singularidade do design de interiores da casa da favela, reconhecendo sua presença em lugares atípicos e à margem da grande sociedade capitalista, e valorizando-o.

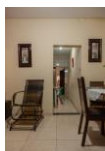
Conclui-se que a variedade de arranjos encontrados nas casas selecionadas indica uma adesão limitada a formas de consumo, quando outras formas de produção do cotidiano, mais próprias, não se encontram disponíveis. Assim, acabam por produzir arranjos completamente autorais e singulares, distantes da estética genérica que muitas vezes é empregada em residências de classe média.

Nesse contexto, os moradores são vistos como indivíduos com graus de autonomia. Além do entendimento do conceito da casa como muito mais que apenas um teto para se proteger, mas também como lugar de acalanto e identificação. O estudo mostra que a organização da casa da favela toma seu lugar como atividade de produção de cultura. Nesse sentido é adequado pensar-se em um design de interiores para ela.

6. FOTOGRAFIAS



Fotos 1 a 6



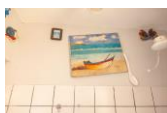
Fotos 7 a 12



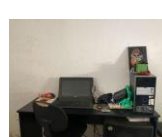
Fotos 13 a 18



Fotos 19 a 24



Fotos 25 a 29



Fotos 30 a 35

7. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 119 p.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 352 p.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (266 p.) p. 111-33. A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2000. 230 p.

BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Rio de Janeiro/Lisboa: Elfos/Edições 70, 1995. (223 p.) p. 213-22. Sobre a realização de desejo no valor de troca.

BOUFLEUR, Rodrigo. A questão da gambiarra – formas alternativas de desenvolver artefatos e suas relações com o design de produtos. **Universidade de São Paulo**, FAU, dissertação (mestrado), profa. orientadora Maria Cecília Loschiavo dos Santos, 2006. 153 p.

CARDOSO, A. L. Avanços e desafios na experiência brasileira de urbanização de favelas. **Cadernos Metrópole**, [S. l.], n. 17, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8771>. Acesso em: 21 ago. 2023.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 2007. 223 p.

FELTRAN, Gabriel. Transformações sociais e políticas nas periferias de São Paulo. In: KOWARICK, Lúcio, MARQUES, Eduardo (orgs.). **São Paulo: novos percursos e atores – sociedade, cultura e política**. São Paulo: Editora 34/Centro de Estudos da Metrópole, 2011. (398 p.) p. 347-73.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 294 p.

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente – disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (485 p.) p. 155-96. Restringindo o acesso à propriedade fundiária.

INFOMONEY. Classes D e E continuarão a ser mais da metade da população até 2024, projeta consultoria. **Portal InfoMoney**, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-a-ser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 199 p.

MARICATO, Ermínia, PAMPLONA, Telmo, MAUTNER, Yvonne. Cenários do contraste – uma incursão no interior da habitação popular paulistana. **Universidade de São Paulo**, FAU, 1999. s.p. [82 p]. Disponível em: <https://erminiamaricato.files.wordpress.com/2016/12/cenarios-do-contraste.pdf>. Acesso em: 29. mar. 2022.

MARX, Karl. **O capital – crítica da economia política**; Livro primeiro: o processo de produção da mercadoria; Volume 1. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. (571 p.) p. 79-93. O fetichismo da mercadoria: seu segredo.

PASTERNAK, Suzana, D'OTTAVIANO, Camila. Favelas no Brasil e em São Paulo: avanços nas análises a partir da Leitura Territorial do censo de 2010. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, abr. 2016, v. 18, n. 35, p. 75-99.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002. 216 p.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. (204 p.) p. 129-36. Da favela-problema à favela-solução.

Contatos: larissacarvalho.pereira@mackenzista.com.br e mauro.claro@mackenzie.br